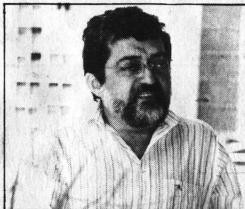


O pólo de cinema já está funcionando para valer e definiu que os dois primeiros filmes a serem financiados são de diretores ligados a Brasília: Pedro Jorge (foto) e Tânia Quaresma



CINEMA

Pólo libera financiamento dos primeiros filmes

Os cineastas Pedro Jorge e Tânia Quaresma são os beneficiados com o dinheiro para finalizar projetos

O Pólo de Cinema e Vídeo do Distrito Federal, criado no ano passado para dar à capital da República o interessante e lucrativo posto de centro produtor do País, além de tirar-lhe a aura de cidade meramente administrativa, acaba de dar o seu pontapé inicial. Duas obras, uma para cinema, outra para vídeo, tiveram seus projetos aceitos pelos dois comitês técnicos e pelo Conselho do Pólo. O primeiro deles, *O Homem Que Ensinou a Voar*, filme em 35 milímetros, de cerca de 22 minutos, do cineasta Pedro Jorge de Castro, recebeu exatos Cr\$ 7 milhões 566 mil. O segundo, um vídeo de Tânia Quaresma, com o título de *Seu Beija, O Mestre das Ervas Medicinais*, recebeu uma quantia mais detalhada ainda: a cineasta embolsou Cr\$ 6.796.260.

Se as quantias são de pouca monta e chegam a ser mesmo irrisórias, o fato explica-se. Tanto o filme de Pedro Jorge de Castro quanto o vídeo de Tânia Quaresma já estão prontos — *O Homem Que Ensinou a Voar*, por exemplo, está aguardando finalização há mais de dez anos. Para as duas obras, faltam finalização, edição e sonorização. Tânia Quaresma quer sua obra entregue ao público no mês de março. Pedro Jorge de Castro faz planos: "Gostaria de ver o filme no Festival de Brasília".

Enquanto isto, o Pólo de Cinema e Vídeo continua de mangas arregaçadas para trabalhar — e há, de fato, muito o que fazer. Afinal, estes dois projetos julgados merecedores de verba foram pinçados de uma lista de 21 pretendentes, onde constava, inclusive, o nome de outro cineasta de fama e consistência,



Tânia Quaresma: vídeo em março

Vladimir de Carvalho, que se foi rejeitado, deve à coisa a empenhos técnicos — seu projeto não correspondia às exigências do edital. Portanto, até antes do Carnaval, como avisa André Gustavo Stumpf, diretor do Pólo, "todos os interessados, que recorreram, serão novamente julgados".

Exterior — Em seguida, um outro idílico, gordo e complexo em suas seis páginas, será distribuído a todo o País. "Aceitamos projetos até mesmo do exterior", avisa André Gustavo Stumpf. Se este novo passo do Pólo for suficiente para que as luzes do cinema caiam sobre Brasília, que sempre foi culturalmente rejeitada pelo Brasil que ela administra, poderemos ver as câmaras funcionando a todo o vapor. Não é à toa que o próprio Pedro Jorge de Castro refere-se ao Pólo com uma metáfora de brilho forte. "É ouro em pó", diz ele. E o veio parece ser grandioso, porque Tânia Quaresma prevê: "Muitas pessoas vão ser atraídas para cá". Não só isto, como tam-

bém os lucros desta mineração cinematográfica deverão reverter para a própria cidade, sem grandes chances de contrabando de benefícios — todos os cineastas com projetos aprovados pelo Pólo deverão ter suas empresas registradas em Brasília para que os impostos sejam pagos aqui. "Não vamos contribuir para os impostos e encargos de outras cidades", é o que raciocina André Gustavo Stumpf.

Mas se é, de fato, ouro em pó, o assunto é, justamente por isto, muito delicado. Isto é o que analisa Pedro Jorge de Castro. "Não podemos soprá-lo janela agora", ele pede. "Temos que prezar a decisão da criação do Pólo e responder à altura, com competência e compromisso com a história e a cultura brasileiras". Mesmo que "o dinheiro seja raro", como lamenta Tânia Quaresma, o futuro pode parecer promissor. Ela mesma, que veio para Brasília em 1983, com o projeto de filme que, mais tarde, descobriu ser sonho puro, já pôde completar sua obra. E é otimista: "O Pólo é muito bom, procuro ver as coisas com bons olhos".

Mas este centro gerador de filmes e vídeos ainda não teve suas paredes levantadas, apesar de ser "uma decisão política da mais alta importância", nas palavras do diretor de *O Homem Que Ensinou a Voar*. "É preciso tratá-lo com carinho", ele continua, numa espécie de berceuse do Pólo. Sem grandes mistérios, ele conclui: "As dificuldades da implantação física do Pólo serão solucionadas quando as produções forem disparadas". Em outras palavras, o que o cineasta quis dizer é que, como reza o provérbio, "errando é que se aprende". Tal perspectiva não chegou a ser inusitada em Brasília: a própria cidade foi — e está sendo — construída assim: a partir de um amontoado de árvores, terra seca e um grupo de pessoas decididas.

Documentários brasileiros

Pedro Jorge de Castro, cineasta nascido há 47 anos na cidade de Aurora, no Cariri cearense, tem razão para estar, no mínimo, muito satisfeito. Se, em 1977, ele foi o primeiro diretor brasileiro a sair vencedor do Festival de Brasília do Cinema Brasileiro com seu filme *Brinquedo Popular* no Nordeste, agora ele repete o pioneirismo e é novamente o primeiro realizador a receber verba do Pólo de Cinema e Vídeo do Distrito Federal. Ao seu lado, com um vídeo, está Tânia Quaresma. Se este é o pontapé inicial do Pólo, são eles as bolas.

Coincidência ou não, as duas obras são documentários que tratam de apresentar figuras brasileiras. *O Homem Que Ensinou a Voar*, de Pedro Jorge de Castro, rodado há dez anos em Paris, é exatamente sobre a vida de Alberto Santos Dumont. Se os brasileiros pouco sabem até mesmo a versão oficial do "pai da aviação", agora poderão saber mais: o filme revela, com a poesia e o lirismo costumeiros nos traços de Pedro Jorge de Castro, o tal do lado humano da celebridade. E com senso de humor, porque, para o diretor, "segundo a lenda grega, Ícaro sabia voar mas não disse para ninguém. Santos Dumont veio e ensinou".

Em Paris, Pedro Jorge de Castro saiu à cata de quem houvesse convivido com o brasileiro. Encontrou sua comadre, Madame Tissandier, e seu afilhado, Terry Tissandier, e são os dois que, em depoimentos emocionados, referem-se ao compadre

e ao padrinho "como um dos homens mais inteligentes, gentis e cavalheiros que conheceram". Daí em diante, o filme percorre os lugares por onde ele passou em vida, como o célebre Maxim's — era lá que o aviator tomava a sua ceia das 22h diariamente. Em uma das mesas do restaurante, há uma placa em sua homenagem. E foi lá também que um grupo de bons sonhadores criou o Aeroclube de Paris. Pedro Jorge também foi ao Croissant D'Or, um café onde Santos Dumont tomava seus lanches leves.

Há detalhes primorosos na tela. Quando Madame Tissandier soube da morte do amigo, na década de 30, ela estava justamente abrindo um pacote de café que o compadre havia lhe trazido do Brasil. Fechou-o para sempre e somente voltou a abrir o presente diante das câmaras, quase 50 anos depois. Este vasculhamento da vida íntima nas celebridades nacionais é coisa rara na curiosidade brasileira. Rara também é a iniciativa de falar de outras figuras, menos célebres, que comandam suas vidas por caminhos propositalmente marginais. É o caso de *Seu Beija, O Mestre das Ervas Medicinais*, de Tânia Quaresma, a mineira de Aiuruoca, de 42 anos que, no momento, mora no cenário do filme de seus sonhos que ainda não foi feito.

Este vídeo com cerca de 30 minutos, mostra justamente o farmacêutico que, há 40 anos, trabalha com ervas medicinais na cidade em Brasília, a mais afastada e a menos conhecida das cidades-satélites do Distrito Federal. Aos 83 anos, Seu Beija atende duas vezes por semana na sua Farmácia Verde. Enquanto isto, Tânia Quaresma continua sua trilha de assuntos in comuns: no momento finaliza outro vídeo: *Mosteiro Zen Bico de Raios*.